

# Gestão da Sala de Aula na Educação Básica: Estratégias Docentes para Viabilizar o Ensino

## Classroom Management on Basic Education: Teacher's Strategy to Make Teaching Feasible

Fábio Luiz da Silva<sup>a\*</sup>; Fabiane Tais Muzardo<sup>ab</sup>; Tatiane Mota Santos Jardim<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Universidade Norte do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias, PR, Brasil.

<sup>b</sup>Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em História, PR, Brasil.

\*E-mail: fls.londrina@yahoo.com.br

---

### Resumo

O presente artigo visa analisar as estratégias utilizadas pelos docentes da educação básica na gestão de sala de aula, tendo como base conceitos como representação e ação docente, além da própria gestão. Esse estudo defende a importância de o ato de ensinar ser analisado de forma contextualizada, no tempo e no espaço, identificando a sala de aula como espaço privilegiado. Busca-se analisar a transmissão às novas gerações dos conhecimentos historicamente construídos, compreendendo como os professores gerenciam as mais diversas situações em busca da efetivação de seu dever profissional. Pretende-se, dessa forma, contribuir para o conhecimento das práticas docentes de gestão de sala de aula.

**Palavras-chave:** Gestão de Sala de Aula. Ensino. Saber Docente.

### Abstract

*The current article aims at analyzing strategies used by teachers on elementary schools for the classroom management, based on concepts such as teacher's action and representation, besides the management itself. This study defends the importance of teaching being analyzed in a time and space contextualization, identifying the classroom as a privileged space. The transmission of the historical knowledge built for the new generations is analyzed, understanding how teachers manage the most diverse situations in searching for the effectuation of his or her professional duty. It is intended, therefore, to contribute to the knowledge of teaching practices on classroom management.*

**Keywords:** Classroom Management. Teaching. Teacher Knowledge.

---

## 1 Introdução

Partindo do pressuposto de que o ato de ensinar deva ser compreendido de forma contextualizada, no tempo e no espaço, entende-se que o espaço privilegiado para isso é a sala de aula e que o tempo disponível é o da própria aula. É ali e naquele momento que professores e alunos estabelecem determinadas relações sociais particulares que podem favorecer ou desfavorecer o processo de ensino e aprendizagem. Pressupondo que o objetivo primeiro da escola é a transmissão dos conhecimentos historicamente construídos às novas gerações, compreender como, de fato, os professores gerenciam as mais diversas situações em busca da efetivação de seu dever profissional é imprescindível para melhorar a qualidade do ensino.

Rogers (2008, p. 17) afirma que o ensino nas escolas ocorre em um cenário

[...] incomum: uma pequena sala (para o que se necessita fazer nela), com mobília frequentemente inadequada e pouco espaço para se movimentar, um período de 50 minutos (ou menos) para desenvolver objetivos curriculares estabelecidos, e 25 a 30 personalidades distintas e singulares, algumas das quais podendo nem querer estar lá. Por que não haveria alguns estresses e tensões naturais associadas ao papel diário do professor?

Partindo dessa premissa, o presente artigo visa discutir as ações realizadas em sala de aula que tenham por objetivo fornecer as condições para que os professores realizem o seu trabalho, ou seja, ensinem. A compreensão dessa dimensão do trabalho pedagógico deverá proporcionar elementos que permitam a elaboração de propostas para a formação docente, seja inicial ou continuada. Isso é particularmente importante, pois raramente os professores recebem formação adequada a respeito da gestão da sala de aula e são poucas as pesquisas brasileiras sobre o tema (SILVA, 2014).

## 2 Desenvolvimento

### 2.1 Metodologia

A discussão aqui realizada integra o projeto de pesquisa intitulado "Gestão de sala de aula na educação básica: estratégias docentes para viabilizar o ensino", ligado ao programa de Mestrado em Metodologias de Ensino de Linguagens e suas Tecnologias da Universidade Norte do Paraná – Unopar. Em um segundo momento, tais discussões serão utilizadas na aplicação de instrumentos de avaliação a professores e alunos do ensino básico, visando analisar as práticas de gestão em sala de aula. Sendo assim, nesse momento, será feita uma

revisão bibliográfica, a qual, segundo Gil (2009), baseia-se em materiais publicados a respeito do tema selecionado, visando analisar as diferentes interpretações a respeito de um mesmo assunto. Para Silveira, Córdova e Bueno (2009), essa fase da pesquisa é essencial para o sucesso da mesma, pois quanto mais adequada for a preparação teórica, mais facilmente os resultados serão obtidos.

## 2.2 Discussão

Podemos observar que, em geral, as questões relacionadas à gestão em sala de aula limitam-se ao problema da indisciplina ou a utilização dos modernos recursos tecnológicos de informação e comunicação. Ledo (2009), realizando uma extensa pesquisa sobre a produção nacional a respeito da indisciplina, afirma que a preocupação dos professores com as condições cotidianas de ensino – em especial a questão da indisciplina – não corresponde a uma preocupação na mesma proporção por parte da academia. Existem duas possíveis causas para isso. A primeira vem da visão amplamente difundida na sociedade de que “ser professor” é uma vocação, uma missão inerente a determinados indivíduos. Sendo assim, tais pessoas já nasceriam com as habilidades necessárias para “controlar” os alunos; esses seriam os “bons professores”. Aqueles que não têm o “domínio” da sala de aula, os “maus professores” – de acordo com esse ponto de vista – sequer deveriam ser professores, pois não teriam nascido para isso. A segunda causa para a deficiente formação dos professores em gestão da sala de aula está no preconceito presente nos espaços educativos em relação a termos como “gestão”, “administração” ou “autoridade”. Evertson e Weinstein (2011) afirmam que essa negligência em relação à importância da gestão de sala de aula nos cursos de formação, seja inicial ou continuada, tem origem nas atuais tendências pedagógicas que enfatizam a independência e a participação dos estudantes.

Essas pedagogias consideradas “libertadoras”, que questionam de forma radical os saberes dominantes – e muitas vezes até mesmo a capacidade intelectual do professor – valorizam o saber popular como forma de emancipação dos grupos dominados. Assim, ao considerar o saber científico simplesmente como ideologia, tais pedagogias libertadoras esvaziam a dimensão cognitiva do ensino, limitando a escola a reproduzir o senso comum. Tal processo tem como consequência o inverso do objetivo pretendido, mantendo os dominados distantes dos conhecimentos científico, artístico e filosófico que deveriam constituir o meio de sua libertação (MONTEIRO, 2001).

Apesar disso, diariamente, milhares de professores entram em sala de aula e procuram fazer aquilo que acham melhor para efetivar o ensino de suas disciplinas. Compreender como eles o fazem, ou seja, quais os saberes mobilizados na condução de suas aulas, torna-se importante na medida em que isso fornece indicativos para a criação e o aperfeiçoamento de ações de formação docente. Esses indicativos devem ser

compreendidos como conhecimentos pedagógicos próprios à profissão docente (TARDIF, 2013), que formam a base do trabalho em sala de aula.

Defende-se, desse modo, que a valorização dos saberes práticos e das condições cotidianas do processo educativo é fundamental para o entendimento de como se elabora e reelabora o conhecimento, no processo histórico de construção do homem e de sua sociedade (RIBEIRO; TEIXEIRA; AMBROSETTI, 2004). É nesse sentido que nasceu o conceito de “saber docente” que, segundo Monteiro (2001), permite elucidar as relações dos professores com os saberes que dominam para poder ensinar e aqueles que efetivamente ensinam (o conteúdo). É um ponto de vista que considera os saberes práticos como fundamentais para a construção da identidade e da competência dos professores.

Tardif (2013) coloca esta competência na capacidade de transmitir determinados saberes aos alunos. Esses saberes, no entanto, segundo o autor, não são os únicos que compõem o saber docente, elencando, ainda, os saberes disciplinares, curriculares, profissionais e experienciais.

Os saberes disciplinares correspondem aos conhecimentos dos diversos campos, que se materializam em distintas disciplinas, como História e Matemática; os saberes curriculares apresentam-se de forma concreta através dos programas escolares que os professores devem colocar em prática na sala de aula; como profissionais, Tardif (2013) entende aqueles elaborados pelos teóricos da educação, sendo que o contato dos professores com esses saberes se dá, normalmente, durante sua formação; os experienciais são aqueles que os professores desenvolvem em seu trabalho cotidiano e que, portanto, nascem da experiência – tanto individual quanto coletiva -, não estando, desse modo, sistematizados, mas constituindo um conjunto de representações que determinam como os professores interpretam o mundo escolar e, portanto, formam a cultura escolar.

Apesar de todos os saberes docentes estarem em permanente relação, nossa análise transita entre os saberes profissionais e os experienciais, devido à distância entre a academia e a realidade escolar e as tentativas e os erros realizados pelos professores em sua prática cotidiana. Nesse sentido, procuramos compreender alguns fenômenos que pertencem à cultura das instituições escolares.

Sobre a cultura escolar, Evertson e Weinstein (2011) apontam que há uma resistência à gestão da sala de aula devido à ligação negativa que comumente se faz entre gestão, controle e disciplina. No entanto, Walters e Frei (2009) afirmam que gerir e controlar são termos muitas vezes utilizados como sinônimos, mas que se referem a aspectos diferentes. Para esses autores, a gestão da sala de aula diz respeito à organização geral das atividades, enquanto controle limita-se ao comportamento dos alunos. Assim, gerir a sala de aula é uma atividade que envolve, sem dúvida, muitos aspectos relacionados à disciplina, mas não se limita a ela. A

ideia de gestão da sala de aula está vinculada à aplicação de procedimentos e rotinas eficientes para o ensino.

Apesar de não ser o único elemento importante na gestão escolar, a disciplina é uma das questões que mais preocupam os professores. Para Libâneo (1994), a disciplina é uma das principais dificuldades dos professores. Essa preocupação foi comprovada por Rodrigues (2011), que, ao estudar a questão da gestão de sala de aula em uma escola pública considerada de qualidade, concluiu que uma das características mais valorizadas nessa escola era justamente a disciplina e a cobrança pelo bom comportamento. Sobre a definição de disciplina, Rogers (2008) fornece uma conceituação, ao colocar em evidência os direitos não negociáveis que devem estar presentes na sala de aula: direito à segurança (e sentir-se seguro), direito de aprender (sem perturbações indevidas) e direito a ser tratado com respeito.

Precisamos diferenciar a gestão de sala de aula de outras ações dos professores, como instrução ou motivação. Assim, consideramos que gestão da sala de aula refere-se às ações desenvolvidas para criar e manter um ambiente de aprendizado efetivo (BROPHY, 2011). Isso implica em organização do espaço físico, estabelecimento de regras e manutenção da atenção dos alunos, além do engajamento dos alunos nas atividades de aprendizagem. Portanto, mesmo considerando que a gestão da sala de aula não seja o objetivo principal do professor, ela é fundamental para a obtenção dos resultados educacionais propostos.

Henning e Abbud (2010), por exemplo, organizaram obra que realiza ampla reflexão sobre a gestão, vinculando-a à violência. É evidente a pertinência do tema abordado pelos autores, tendo em vista os casos cotidianos relatados por professores de todos os níveis. Parrat-Dayan (2012), por sua vez, faz a necessária distinção entre indisciplina e violência e reconhece a necessidade da disciplina para o funcionamento da atividade em sala de aula. Sua abordagem da sala de aula é orgânica e sugere algumas ações que poderiam ser utilizadas pelos professores. Tais conselhos são chamados de remédios contra a indisciplina. Esse ponto de vista também abarca apenas parte do conceito de gestão de sala de aula.

Em um texto chamado “Entre a jaula de aula e o picadeiro de aula”, Morais (2013) faz uma importante reflexão a respeito da questão da indisciplina em sala de aula, diferenciando a autoridade do autoritarismo. Ele afirma que o completo abandono da autoridade, sob o argumento de que ela possa limitar o potencial dos alunos, transformou as salas de aula em picadeiros. Ainda segundo este autor (p.18), os professores “[...] passam a ter vergonha de exercer a autoridade para a qual estão designados, uma autoridade que nada tem que ver com traços autoritários desta ou daquela personalidade [...]”. Portanto, colocar em prática qualquer forma de gestão da sala de aula é revalorizar a autoridade do professor como o condutor do processo educativo.

Outra vertente de explicação para a indisciplina é a que reduz a questão à atual inadequação da escola aos alunos,

que são qualificados de “nativos digitais”. Nesse caso, a indisciplina seria resultado de aulas desinteressantes e desconectadas das contemporâneas necessidades dos alunos. Lehmkuhl (2012) afirma que nos estudos realizados sobre o tema das tecnologias em sala de aula, a expressão “nativos digitais” não é questionada, sendo que o critério para a qualificação dos indivíduos que pertenceriam a esta categoria seria apenas a idade. Considera-se que “[...] a tecnologia já seria, em si mesma, um novo paradigma pedagógico e deveria ser imposta ao meio escolar como condição para uma educação em sintonia com o seu tempo” (PEIXOTO; ARAÚJO, 2012, p.12). Apesar de concordarmos com a importância das tecnologias em sala de aula, acreditamos que o seu uso, ou não, é apenas um aspecto da questão da indisciplina, uma vez que ela já existia muito antes da chamada geração dos nativos digitais. Com isso, podemos afirmar que a gestão de sala de aula não se resume à questão da indisciplina, tampouco ao uso ou não de TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação).

### 3 Conclusão

Percebe-se, perante o exposto, que não há um consenso sobre a definição teórica do que seria a gestão em sala de aula e, menos ainda, do que seria uma visão prática homogênea. Desse modo, justifica-se novamente a importância dessa discussão. Conforme mencionado, os professores, ao organizar e ministrar as aulas, usam de determinadas ações e estratégias de ensino, as quais podem ser desenvolvidas de modo aleatório ou a partir de reflexões. Para que tais ações possam se pautar em discussões em vez de tentativas ao acaso, conclui-se que é necessária uma maior integração e entrosamento entre o meio acadêmico e os profissionais do ensino básico, o que, para o autor, representa os saberes profissionais e experienciais.

A partir dessa aproximação e de consequente discussão em torno de conceitos como ação docente e gestão, novas estratégias podem ser criadas, viabilizando o objetivo do trabalho docente, o ensino.

### Referências

- BROPHY, J. History of reserch on classroom management. In: EVERTSON, C.M.; WEINSTEIN, C.S. *Handbook of classroom management: research, practice, and contemporary issues*. New York: Routledge, 2011.
- EVERTSON, C.M.; WEINSTEIN, C.S. *Handbook of classroom management: research, practice, and contemporary issues*. New York: Routledge, 2011.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- HENNING, L.M.P.; ABBUD, M.L.M. *Violência, indisciplina e educação*. Londrina: Eduel, 2010.
- LEDO, V.A. *A indisciplina escolar nas pesquisas acadêmicas*. 2009. 245f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2009.
- LEHMKUHL, K.M. *Os nativos digitais e a recuperação da informação científica on-line*. 2012. 165f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa

Catarina, Florianópolis. 2012.

LIBÂNEO, J.C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

MONTEIRO, A.M.F.C. Professores: entre saberes e práticas. *Educ. Soc.*, v.22, n.74, p.121-142, 2001.

MORAIS, R. Entre a jaula de aula e o picadeiro. In: MORAIS, R. (Org.). *Sala de aula: que espaço é esse?* Campinas: Papirus, 2013, p.17-30.

PARRAT-DAYAN, S. *Como enfrentar a indisciplina na escola*. São Paulo: Contexto, 2012.

PEIXOTO, J.; ARAÚJO, C.H.S. Tecnologia e educação: algumas considerações sobre o discurso pedagógico contemporâneo. *Educ. Soc.*, v.33, n.118, p.253-268, 2012.

RIBEIRO, M.T.M.; TEIXEIRA, M.B.; AMBROSETTI, N.B. Educação continuada: o olhar do professor. In: ALVES, C.P.; SASS, O. *Formação de professores e campos do conhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.13-36.

RODRIGUES, M.A. *Gestão de sala de aula em uma escola pública de qualidade*. 2011. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2011.

ROGERS, B. *Gestão de relacionamento e comportamento em sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SILVA, R.R. *Gestão de sala de aula na educação musical escolar*, 2014. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILVEIRA, D.T.; CÓRDOVA, F.P.; BUENO, A.L.M. Tecnologias de informação e comunicação. In: GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p.89-94.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2013.

WALTERS, J.; FREI, S. *Gestão do comportamento e da disciplina em sala de aula*. São Paulo: Special Books, 2009.